

Video Festival:

Arte eletrônica busca saída para crise

Retomada da performance é um sintoma de desconforto e desconfiança com o mercado e as instituições artísticas

Antonio Gonçalves Filho

Nos velhos tempos da arte conceitual, isto é, há 30 anos, a performance foi o veículo a que os artistas mais recorreram para a demonstração de suas idéias. O desgaste pelo uso e o surto histórico de performáticos como os austríacos Rudolf Schwarzkogler e Hermann Nitsch provocaram o desinteresse – e repulsa – pelo gênero, mas alguns resistiram. Como o universo do conceito está intimamente ligado a uma atitude política, os resistentes passaram a assumir um papel na história da arte contrário ao desempenhado pelas instituições – museológicas, sobretudo. Seriam testemunhas vivas de um paradoxo: a necessidade da arte e a falta de espaço para ela no mundo contemporâneo, que escolheu a ação e repudiou a contemplação. A 15.ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica

NO PASSADO, POSTURA RADICAL DE ARTISTAS LEVOU À MUTILAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO

Videobrasil, dedicada à performance, quer investigar por que os artistas, mais uma vez, retomam a performance em tempos de crise.

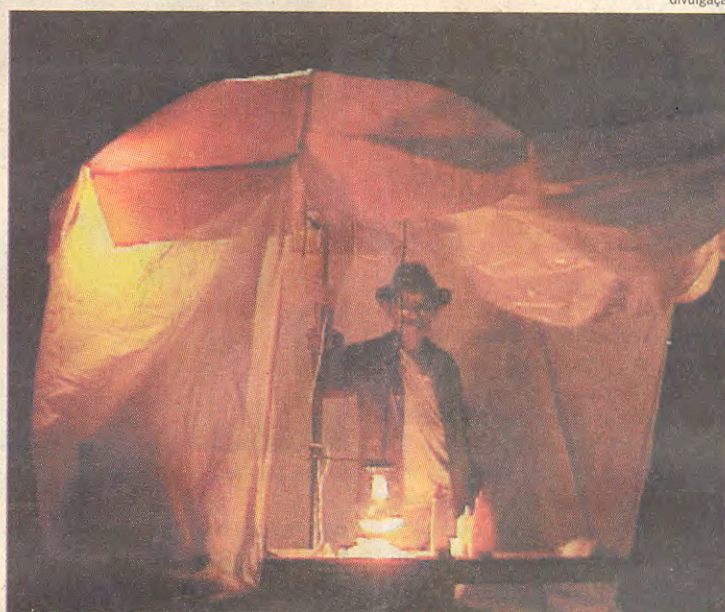
Foi assim desde que os futuristas, no começo do século passado, encontraram um meio de confrontar a academia e impor o novo, apropriando-se das idéias teatrais do francês Alfred Jarry e reciclando a patafísica do autor de *Ubu Rei*. O futurista Marinetti, num magistral golpe publicitário de autopromoção, aproveitou a onda nacionalista e inventou sua 'serata' política não só contra os austríacos, que dominavam a Itália em 1910, mas contra a arte estabelecida. Não é preciso lembrar a adesão subsequente dos futuristas ao fascismo para mostrar que nem sempre vanguarda artística significa vanguarda política. Aliás, quase nunca. A maioria dos performáticos está tão ocupada com

o próprio corpo que nem lhe passa pela cabeça examinar o território por onde ele circula.

A grande estrela do Videobrasil, Marina Abramovic, por exemplo, parecia mesmo desconhecer a história da arte quando começou sua carreira, em 1974. Nessa performance de estréia, a artista de Belgrado colocava-se à disposição do público de uma galeria de arte em Nápoles em seu ritual de abuso corporal (ou purificação, como ela dizia). Sobre a mesa estavam vários instrumentos cortantes. Marina parecia disposta a ficar seis horas "exposta" aos visitantes (público de galeria, não torturadores, evoque-se). Na terceira hora, suas roupas estavam rasgadas, seu corpo retalhado por lâminas de barbear e a artista, em estado de pânico pela disputa entre os bárbaros em torno da melhor arma. Marina, evidentemente, desconhecia ou não lera a história de Schwarzkogler, morto cinco anos antes num ritual de automutilação com navalha que o conduziu à morte.

Claro que, nos anos 1970, não havia apenas performáticos masoquistas como Marina Abramovic e Rudolf Schwarzkogler, que exploravam o corpo como material artístico para despertar uma "sociedade anestesiada". Existiam os que simplesmente investigavam a linguagem desse corpo, como Scott Burton, que reproduzia 'tableaux vivants' da pintura neoclássica, ou Dennis Oppenheim, que usava o corpo como escultura viva, em contraste com a performance ascética dos minimalistas, sempre com aquela velha história de buscar o "essencial" na arte.

Essa não parece nem de longe a proposição da nova geração de performáticos presentes no Videobrasil, como Coco Fusco. Ela não faria feio com a menina que levantava barricadas contra a polícia em 1968, gritando slogans e investindo contra o comércio de arte das galerias. Coco, nova-iorquina, filha de mãe cubana e pai italiano, tinha, então, 5 anos. Seu 'aggiornamento' das performances políticas do passado pode-



divulgação



NOVOS - Filme de Aïnouz e ações de Ingrid Mwangi e Mania Akbari

rá ser visto esta semana, se tudo correr como o previsto, em qualquer prédio que represente o poder norte-americano, seja o consulado dos EUA ou uma multinacional. Coco e mais voluntários vão limpar a calçada desses prédios, num gesto que

representa simbolicamente a lavagem das marcas da intervenção militar americana em várias regiões do globo.

Outro artista que deve algo à geração mais velha é o brasileiro Wagner Morales, autor de um documentário sobre a

performer Coco Fusco. Amanhã, o Videobrasil exhibe *Filme de Guerra*, sua primeira sessão da mostra competitiva. Assim como os pioneiros que usaram a mídia eletrônica, nos anos 1980, para registrar performances – especialmente John Jesurun, que trabalhava o trânsito entre realidade e imagem virtual, transferindo o ator do palco para a tela – Morales transfere para a tela o campo de ação real de um conflito real (no caso, a Normandia, palco de desembarque dos aliados, na 2ª Guerra). O filme elege a paisagem como representação metafórica de um conflito, entre aquilo que se vê e o que está por trás dela, parodiando os documentários de guerra – que transformam o conflito bélico em espetáculo pictórico (ou pirotécnico).

Outro brasileiro que o mundo precisa ver é Karim Aïnouz, autor, ao lado de Marcelo Gomes, do surpreendente *Sertão de Acrílico Azul Piscina*. O filme inaugura um novo gênero, o "documentário devaneio". Mais uma vez, é impossível não pensar em Jesurun ou Robert Whitman nesse registro lúdico do árido sertão brasileiro. Aïnouz, diretor do ousado *Madame Satã*, lida, como Whitman, com distorções de imagem e transformação da paisagem por intervenção da luz artificial.

Entre os destaques da mostra, merecem um olhar cuidadoso o vídeo do sul-africano Greg Smith (*Background to a Seduction*, que registra o diálogo de um casal diante de uma garrafa de vinho), o curioso *Devastation*, da iraniana Mania Akbari, e a retrospectiva do grupo The Kitchen. É revendo o passado que se chega ao futuro. ●

→ Serviço

15.º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. Sesc Pompéia. Rua Clélia, 93, tel. 3871-7700. As atividades ocorrem de 3.ª a dom., nos seguintes horários: 10h às 21h (exposições, encontros, debates, mostras de vídeo, livreria e bar); a partir de 21h (performances); e 22h (VJ Nights). Grátis. Até 25/9. Abertura hoje, 21h, para convidados

DESTAQUES

MARINA ABRAMOVIC: A retrospectiva da artista sérvia exhibe desde suas primeiras performances, como *Relation in Space* (Bienal de Veneza, 1976), em que ela se chocava contra o corpo do marido alemão Ulay, até as mais recentes. Marina acredita no ritual da dor e da purificação por meio da arte, sempre usando o corpo como objeto artístico.

THE KITCHEN: Performances históricas no centro eletrônico que reuniu a vanguarda americana dos anos 1970 e 1980. Inclui o videoclipe que lançou a compositora Laurie Anderson e registros das apresentações do grupo Fluxus e do diretor teatral Robert Wilson.

MELATISURYODARMO: Artista de Indonésia, de 36 anos, aluna da Marina Abramovic, apresenta performance em que tenta se equilibrar em saltos pontagulha sobre um piso forrado de placas de manteiga. Lição de equilíbrio. Ou desequilíbrio.

INGRID MWANGI: Nascida há 30 anos em Nairóbi e criada na Alemanha, ela usa o corpo para denunciar o preconceito, mesmo entre pessoas formadas no 'milieu' artístico. Séria candidata à incompreensão e agressividade da platéia, como Marina Abramovic.

EDERSANTOS: Um concerto vai homenagear o realizador de vídeos com a performance-concerto *Engrenagem*, releitura das melhores obras do artista, inclusive os mais recentes, entre elas uma em que dois atores latam para a câmera, criticando os sistema de vigilância na era do Big Brother.

CHELPA FERRO: Representante do Brasil na Bienal de Veneza deste ano, o grupo formado por Barrão, Luiz Zerbini e Sérgio Mekler faz um concerto com instrumentos convencionais e outros nem tanto, como uma máquina de costura.